

COLUNA

LONÃ IFÁ LUKUMI: O AFRO-CUBANISMO REDESCOBERTO NO BRASIL DA PARAÍSO DO TUIUTI

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva¹
Eliezer Gonçalves Cordeiro²

Tem escola que desfila fantasia. E tem escola que desfila conceito. O Paraíso do Tuiuti já mostrou mais de uma vez que gosta de mexer onde o Brasil prefere não tocar — e, em 2026, decide puxar o pano de um território ainda pouco visitado pela Sapucaí: “Lonã Ifá Lukumi”, um enredo que nos leva à vertente afro-cubana que começa, aos poucos, a ser redescoberta por aqui. Antes que alguém torça o nariz achando que é “tema difícil”, já aviso: difícil mesmo é continuar fingindo que o Brasil entende tudo de religiosidade afro quando, na prática, conhece só um pedaço do mapa. O Lukumi — tradição afro-cubana ligada ao sistema divinatório de Ifá — chega à avenida como caminho (e lonã é isso mesmo: caminho, trilha, passagem). Um convite para atravessar o Atlântico de volta, mas sem caravelas, sem colonizador e sem catecismo. O Lukumi nasce da diáspora iorubana em Cuba, da reorganização de saberes africanos em território hostil, sob escravidão, vigilância e repressão religiosa. Ifá, ali, não é exotismo nem mistério de vitrine: é sistema complexo de pensamento,

¹ Professor Adjunto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Mestre em Artes (UERJ); Doutor em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

² Professor Substituto na UERJ; Mestrando em Educação pela UFRRJ.

ética, filosofia e leitura do mundo. Jogo, palavra, escuta e responsabilidade. Nada de horóscopo improvisado — estamos falando de um conhecimento ancestral que sobreviveu porque soube se adaptar sem se diluir. E por que isso interessa tanto ao Brasil agora? Porque estamos vivendo um momento curioso: enquanto setores conservadores demonizam tudo que cheira a África, cresce o interesse por matrizes afro-diaspóricas fora do eixo mais conhecido. O Lukumi reaparece não como moda espiritual, mas como busca de profundidade, de conexão histórica e de alternativas ao empobrecimento simbólico promovido por religiões de resposta pronta.

O Tuiuti, fiel à sua tradição crítica, não trata religiosidade como espetáculo folclórico. Trata como campo de disputa simbólica. Levar o Lukumi à Sapucaí é lembrar que a diáspora africana não foi homogênea, que os saberes se espalharam, se reorganizaram e criaram novas formas de existir. É também dizer que o Brasil não é o centro do mundo afro-atlântico — é parte de uma rede maior. Na avenida, o enredo promete mostrar que Ifá não separa espiritualidade de vida cotidiana. O sagrado não mora longe; mora na decisão, no cuidado, no equilíbrio. Nada de santos estáticos em altar dourado. Aqui, o saber anda, fala, aconselha, tensiona. É religião que pensa — e pensamento, como a gente sabe, sempre incomoda. Mas, qual a ligação histórica entre Cuba e Brasil? A ligação começa cedo, no século XVI, quando ambos entram no circuito colonial ibérico. Cuba é colonizada pela Espanha a partir de 1511; o Brasil, por Portugal, a partir de 1530. A partir daí, os dois territórios passam a integrar o mesmo sistema econômico: plantation, monocultura, escravização africana e circulação intensa de pessoas pelo Atlântico. Entre os séculos XVII e XIX, Brasil e Cuba recebem milhões de africanos escravizados — muitos deles oriundos das mesmas regiões da África Ocidental, especialmente áreas iorubás, fon, ewe e banto. Um dado-chave: após a Revolução Haitiana (1791–1804), Cuba se torna um dos maiores destinos do tráfico atlântico tardio, assim como o Brasil. Entre 1820 e 1860, chega a Cuba um grande contingente de africanos iorubás (chamados lá de lucumí), exatamente no mesmo período em que esses povos também chegam em massa à Bahia e ao Sudeste brasileiro.

Os dois países foram os últimos grandes territórios escravistas do Atlântico. Isso explica por que tradições religiosas africanas conseguiram se manter tão estruturadas nos dois lugares. Não é coincidência que o Candomblé no Brasil e a Regla de Ocha–Ifá (Lukumí) em Cuba preservem cosmologias, línguas rituais e sistemas éticos muito próximos — ainda que desenvolvidos de formas distintas. No século XX, a conexão muda de rota, mas não desaparece. A partir dos anos 1930 e 1940, intelectuais, músicos e antropólogos brasileiros e cubanos passam a se reconhecer mutuamente como parte de um mesmo mundo afro-atlântico. Depois da Revolução Cubana de 1959, Cuba se consolida como polo de produção cultural e reflexão sobre negritude, diáspora e colonialismo — temas que ecoam fortemente no Brasil, especialmente a partir dos anos 1970, com o fortalecimento dos movimentos negros e dos estudos afro-brasileiros. Já no campo religioso, o intercâmbio se intensifica a partir das décadas de 1980 e 1990, quando sacerdotes, pesquisadores e praticantes brasileiros começam a viajar a Cuba para conhecer o sistema de Ifá Lukumí mais sistematizado, enquanto cubanos também passam a estudar o Candomblé no Brasil. É nesse período que termos, rituais e fundamentos começam a circular de forma mais consciente entre os dois países. Portanto, quando o Tuiuti leva “Lonã Ifá Lukumí” à Sapucaí, não está importando uma história alheia. Está reatando um fio histórico rompido à força, lembrando que Brasil e Cuba são frutos de uma mesma diáspora, separados por impérios diferentes, mas unidos pela experiência africana no Atlântico. A avenida, dessa vez, vira ponte — com data, contexto e memória. Vamos à letra do samba?

*Meu padrinho me falou
Cada um tem seu ori
O destino é professor
A raiz é Lucumí
Ifá, retira dessa flor os seus espinhos
Revela meu odu e seus caminhos
Com os ikins de Orunmilá
Me dê seu irê para vida*

*Olodumarê, criador
Espalhou axé e amor
No ilê dos orixás
E o negro iniciado no segredo
Do reino de Olokun fez sua trilha
Rompendo os grilhões de morte e medo
Foi o primeiro babalaô da ilha*

*Babá Moforibale, Babá moforibale
Orunmilá taladê, Babá moforibale*

*Eleguá
é o dono do poder
moenda não pode mais moer
põe fogo na cana*

*Eleguá
Tem mandinga e dendê
hoje o coro vai comer
nas barbas de Havana*

*Ah! o ânimo de ser do baticum
Com a lâmina sagrada de Ogum
E a sina de quem ama o idefá
Ah! a rama do Caribe se expandiu
No verde e amarelo do Brasil
Nas cordas do opelé e no oponifá
Derruba os muros quem sabe asfaltar
Caminhos abertos na mão de Ifá
Que o mundo entenda
O ebó vence a dor
Sentado à esteira de um babalaô*

*Ibarabô, agô Lonã
Olukumi*

Iboru Iboya Ibosheshe

Canta Tuiuti!

(Paraíso do Tuiuti, 2026)